

Sobre a questão do seseo-ceceo andaluz

Marco Antônio de Oliveira

Este artigo lida com o problema do seseo-ceceo andaluz e tem como objetivo mostrar como os dados da geografia dialetal podem ser utilizados na reconstrução da evolução das mudanças sonoras, em nosso caso, a evolução de algumas fricativas na Andaluzia.

O espanhol antigo tinha, entre outros, os seguintes segmentos (cf. Diego, 1951:103):

(1)		ts	dz	s	z
	contínuo	—	—	+	+
	tenso	+	—	+	—

Na primeira metade do século XVI os segmentos [- contínuo] se tornaram [+ contínuo, - estridente]. Assim,

(2)	ts	>	ç	(= θ)
	dz	>	d	(= ð)

No século XVII uma outra mudança sonora afetou todos os segmentos [+contínuo], eliminando a oposição [+/-tenso] em favor de [+tenso], o que pode ser representado por (3)

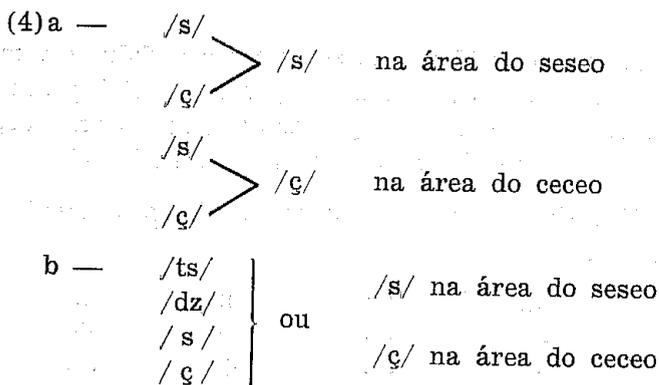
(3)	ç	>	ç
	d	>	ç
	s	>	s
	z	>	s

A situação mostrada em (3) representa o que encontramos para o castelhano padrão.

Vicente (1960:239), em sua discussão sobre dialetos espanhóis, escreve que

“En Andalucía, en cambio, los cuatro fonemas confluyeron en uno solo. Bien en S, seseo, pronunciación única, con s sorda, coronal o predorsal, bien en S^o, ceceo, articulación única, predorsointerdental sorda”.

A afirmação de Vicente pode ser representada ou por (4)a ou por (4)b abaixo ¹



Considerando os dados registrados no *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (1962), podemos dizer que a afirmação de Vicente é algo imprecisa na medida em que [s] e [ç] não são as únicas pronúncias encontradas nas áreas do seseo e do ceceo, respectivamente. Tanto o /s/ do seseo, quanto o /ç/ do ceceo têm mais de um alofone. Além disso, não parece ser verdade que a área ceceante tinha /ç/ em todas as posições (embora pareça ser verdade que a área seseante tinha /s/ em todas as posições). São exatamente estes pontos que nos permitirão reconsiderar o problema do seseo-ceceo andaluz.

1. Teremos (4)a no caso da fusão andaluz ter sido precedida de (3), como uma mudança em todo o território espanhol, e (4)b no caso de ela ter sido antecedida de (3) que, neste caso, seria específica do castelhano. A escolha entre uma ou outra é irrelevante aqui.

No mapa 70 do ALPI encontramos o registro fonético para a palavra *diez* no território espanhol.² Para as partes central e norte da Espanha, o mapa registra um [ç] final, o que é a pronúncia padrão. Mas para a parte sul da Espanha, parte essa que inclui a Andaluzia, não encontramos nem [s] nem [ç]. Na região seseante encontramos 'ø' (i.e., pronúncias como [dye], e nada como [dyes]), e na região ceceante encontramos 3 casos de [h] e uma esmagadora maioria de ø's (i.e., casos como [dye] e [dye^h], mas nada como [dyeç]). No mapa 37 encontramos o registro fonético para a palavra *castillo*. Novamente, no centro e no norte da Espanha encontramos [s], pronúncia padrão. E, novamente, encontramos [h] (e não [s]) na região seseante, e [h] (e não [ç]) na região ceceante. Assim sendo, podemos substituir (4) por (5).

(5) a — Seseo /s/	b — Ceceo /ç/
s/____Vogal	ç/____Vogal
h/____Consoante	h/____Consoante
ø/____## (final de palavra)	h~ø/____## (final de palavra)

o que mostra que não há pronúncia única em nenhuma das duas regiões.

Consideremos agora a distribuição dos alofones na área ceceante. Embora a situação representada por (5) b reflita o estado de coisas na primeira metade do século XX, quando foi elaborado o ALPI, ela nos coloca alguns problemas quando confrontada com o esquema derivado a partir da afirmação de Vicente (vide (4)).

2. Os mapas do ALPI registram a pronúncia não só para o território espanhol, mas também para as localidades portuguesas investigadas. Assim, cada mapa contém a mesma palavra em português, espanhol e catalão. Vou me limitar aqui aos dados relativos à área do espanhol.

Segundo Vicente, houve uma fusão de fonemas em /ç/ na área ceceante. Assim sendo, poderíamos pensar em

Ceceo

- (6) a — ç/____V
 b — s/____V > c — ç/____V
- (7) a — ç/____C
 b — s/____C > c — ç/____C > d — h/____C
- (8) a — ç/____##
 b — s/____## > c — ç/____## > d — h > ∅/____##

Ou seja, (6), (7) e (8) nos mostrariam a fusão não-condicionada (i.e., em todos os ambientes), entre /s/ e /ç/, em /ç/, na região ceceante. Contudo, quando consideramos os dados contidos em Payne (1973), relativos aos estágios da reconquista do território espanhol em poder dos mouros, podemos ver que a Andaluzia (e, portanto, as atuais seseante e ceceante) foi retomada entre os séculos XIII e XV, numa época em que o espanhol, inclusive o da Andaluzia, ainda tinha /ts, dz, s, z/. Ora, uma vez que o /ts/ do espanhol antigo provém de /ky/ latino e que o /dz/ provém de /ty/ ou de um /k/ pré-velar, e uma vez que nem /ky/, nem /ty/ e nem /k/ podiam ser seguidos de consoante, torna-se difícil manter (7)a. Conseqüentemente não podemos manter (7)c e sua evolução para (7)d. Outra dificuldade tem a ver com uma evolução de (8)c para (8)d, i.e., ç > h/____##. Consultando novamente o mapa 70 do ALPI, para a palavra *diez*, podemos observar quais são os limites territoriais do /ç/ final: a área do /ç/ final do castelhano padrão é cercada por /s/ a leste (algumas partes da Catalunha) e a oeste (Portugal), e por [h] ~ ∅ ao sul (Andaluzia). Sendo que este /ç/ provém mde /ts/, propondo aqui a seguinte hipótese: a mudança de /ts/ para /ç/ em posição final de palavra competiu com outra mudança, de /ts/ para /s/. A primeira foi uma mudança castelhana, e a segunda foi uma mudança sulista (andaluz) e do oeste (uma vez que Portugal também foi afetado). A fronteira as duas mudanças é dada por três cadeias de montanhas: o Sistema Central, os Montes de Toledo e a Cordilheira Marianica, com /ts/ > /ç/ ao

cereza, respectivamente, notamos que a área do seseo é consistentemente seseante, enquanto que a área do ceceo apresenta algumas ocorrências de /s/ pré-vocálico. Isto nos leva a supor que a mudança andaluz de /ts/ para /s/ deva ter afetado também os /ts/'s pré-vocálicos. Minha hipótese é, então, a seguinte: no século XVI duas mudanças competiram na Espanha: /ts/ > /s/, na Andaluzia, e /ts/ > /ç/ no norte (as duas Castelas). Por esta hipótese estamos dizendo que a Andaluzia era, originalmente, seseante.

Aqueles que não gostam desta hipótese têm que tolerar dois fatos indiscutíveis. Primeiro, a mudança /ts/ > /s/ não é uma invenção deste artigo. Ela ocorreu no português e no catalão. Segundo, o fato de duas áreas separadas, Portugal e Catalunha, mostrarem o mesmo desenvolvimento, e o fato de haver uma área seseante no meio de uma área ceceante sugerem exatamente o que estou propondo. Meu problema é, portanto, fornecer uma explicação para o ceceo andaluz.

Observando um mapa topográfico da Espanha, podemos ver que grande parte da área seseante da Andaluzia se localiza entre a Cordilheira Marianica (Sierra Morena) e a Sierra Nevada. Ou seja, a área seseante é uma área razoavelmente fechada. De acordo com Vicente (230-44), foi em Sevilha que se estabeleceu uma "confusão" entre /s/ e /ç/. Convém notar aqui que o ceceo andaluz não tem nada a ver com o ceceo castelhano: se, por um lado, ambos têm um /ç/ em palavras como *cinco*, *brazo* e *cereza*, por outro lado o castelhano tem um /s/ em palavras como *asa* e *causa*, que são realizadas com /ç/ na Andaluzia ceceante (cf. mapas 18 e 38 do ALPI). Assim sendo, podemos dizer que o ceceo andaluz não é uma espécie de influência do castelhano. Na verdade os fatos apontados aqui sugerem que o ceceo andaluz seja um desenvolvimento independente, iniciado provavelmente em Sevilha, pelo qual /s/ > /ç/ em posição pré-vocálica (enquanto que nas outras posições /s/ > /h/).

Podemos levantar, finalmente, a seguinte questão: por que a mudança /s/ > /ç/ não atingiu a atual área seseante? Podemos apresentar pelo menos duas razões para isso. Primeiro, as cordilheiras do sul (Sierra Nevada) puseram uma barreira natural a esta mudança, impedindo-a de atingir a área seseante (da mesma

forma que a Cordilheira Marianica (Sierra Morena) agiu como barreira para o /ç/ castelhano em toda a Andaluzia). Em segundo lugar, uma possível influência de Sevilha deve ter sido neutralizada pela influência de Córdoba, que se localiza na área seseante.³ Por outro lado, a inovação do ceceo pôde se espalhar para todas as localidades desprotegidas de barreiras, i. e., para toda a costa sul da Espanha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI), 1962: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- Diego, Vicente García de, 1951: *Gramática Histórica Española*, Editorial Gredos, Madrid.
- Payne, Stanley G., 1973: *A History of Spain and Portugal*, The University of Wisconsin Press, Madison.
- Vicente, Alonso Zamora, 1960: *Dialectología Española*, Editorial Gredos, Madrid.

3. É interessante observar aqui que o sistema de estradas de ferro da Andaluzia mostra que Córdoba, na área seseante, não está ligada diretamente nem a Sevilha (ceceante) e nem a Jaén (área de distinção entre /s/ e /ç/), seja por uma estrada de ferro 'ancha' ou por uma 'estrecha'. A principal rede ferroviária que passa por Córdoba segue o rio Guadalquivir e se localiza num vale. Ou seja, há um relativo isolamento da área seseante, como era de se esperar devido à sua topografia.